

OS JOVENS BRASILEIROS E OS PARTIDOS POLÍTICOS NO SÉCULO XXI

Prof. Dr. João Ignacio Pires Lucas

Professor de Ciência Política da Universidade de Caxias do Sul

INTRODUÇÃO

A relação dos jovens brasileiros com a política e com os partidos políticos tem sido investigada desde os anos 60 no Brasil (SPOSITO, BRENNER, MORAES, 2009). Se a avaliação geral sobre tal relação pode ser caracterizada como sendo de um relativo afastamento, quando a relação é com a política, para a relação com os partidos políticos a melhor forma de representar a relação é pela noção de estranhamento. Os jovens brasileiros cada vez menos percebem os partidos políticos com instrumentos reais para a resolução dos seus problemas e da sociedade em geral. Se essa noção pode ser vista como tendo uma pitadinha de crítica pertinente sobre o papel dos partidos políticos nos últimos anos, não deixa de ser também, por outro lado, preocupante em termos da consolidação da democracia, que ainda depende bastante dos partidos políticos. E se a política tradicional não está bem para os jovens isso não significa dizer que versões antipolíticas revolucionárias estejam melhores entre os jovens. Desde o início do século XXI um estudo de Zaneti (2001) revela o afastamento dos jovens de temáticas revolucionárias.

A participação política dos jovens também não cresceu com o surgimento de novos movimentos sociais políticos e novas estruturas de participação como as abertas pelos Orçamentos Participativos em vários municípios no Brasil. Não aumentou a participação, como a socialização para os que participaram não representou em ganho em cultura política mais participativa (LUCAS, 2004).

Por isso, neste trabalho buscamos analisar a relação entre os jovens e os partidos políticos na última década, ou seja, já em pleno século XXI. Para tanto, o trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, há uma discussão sobre a política e os partidos políticos na última década, especialmente por causa das transformações pelas quais vem passando tanto a política quanto os partidos políticos. Transformações associadas, em linhas gerais, à

globalização, à revolução tecnológica, especialmente em relação às tecnologias da informação e da comunicação.

Na segunda parte, a relação entre os jovens e os partidos políticos é tratada a partir da análise de cinco pesquisas nacionais de opinião com os jovens e com a população em geral e de uma pesquisa com jovens realizada em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Quatro pesquisas foram desenvolvidas pelo Instituto Datafolha: uma com os “Jovens no Brasil”, com 1541 entrevistas em abril de 2008 (3% de erro amostral para mais e para menos). Outras duas pesquisas tratam de avaliações dos Presidentes Dilma (2011) e Lula (2010) e foram feitas com uma amostra da população em geral (2% de erro amostral em cada uma). E uma pesquisa sobre posição política junto à população em geral, realizada em maio de 2010, com 2660 entrevistas, (2% de erro amostral). Além dessas pesquisas, também analisamos uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo, “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada em 2003, com 3501 entrevistas com jovens no Brasil. A pesquisa em Caxias do Sul foi realizada por nós como parte do levantamento sobre os jovens que serviu para a construção da tese de doutorado junto ao programa de pós-graduação em Ciência Política da UFRGS.

A POLÍTICA E OS PARTIDOS NO SÉCULO XXI

O maior problema dos estudos sobre os jovens e a política nem é o pequeno interesses desses pela política em geral, e pela participação política em particular. O maior problema está, em geral, na visão sobre o que seja a política, isto é, sobre as delimitações e fronteiras da política. Nesse sentido, reconhecemos na reflexão de Mouffe (2009), em grande parte referenciada na visão de Schmitt (1992), e na reflexão de Foucault (1979), apontamentos relevantes para a superação da noção mais tradicional de política como sinônimo de *poder político* (BOBBIO, 2000). Se a política foi vista desde a Grécia antiga como um tipo de relação de poder, aquela desenvolvida entre os governantes e governados, pois em relação às outras relações de poder (casa e trabalho) o tipo de “poder” não era o político (ideológico ou econômico), desde o século XX há certo entendimento de que a política abrange mais do que a mera (e grande) relação entre os governantes e os governados. Por isso, Mouffe (2009) apresenta a distinção entre “o político” e “a política”.

. . . concibo ‘lo político’ como la dimensión de antagonismo que considero constitutiva de las sociedades humanas, mientras que entiendo a ‘la política’ como el conjunto de prácticas e instituciones a través de las cuales se crean un determinado orden, organizando la coexistencia humana en el cuerpo de la conflictividad derivada de lo político. (MOUFFE, 2009, 16)

Dessa forma, a política pode muito bem ser vista como sendo o “poder político”, que nos últimos séculos têm sido associado ao Estado e a outras instituições próximas, como os partidos políticos. O político, por outro lado, é a dimensão de um conflito amigo-inimigo que está diretamente associado aos efeitos das relações de poder em todas as esferas da vida (casa, emprego, escola, esporte, etc.).

As pesquisas com os jovens tendem a questionar a opinião, comportamento, atitude, dentre outros aspectos, desses com a política entendida como poder político, como esfera do Estado e como estrutura do poder público. O que não é errado. Porém, a política como relação de poder existente em todas as esferas da vida, relações que produzem efeitos de dominação, alienação, obediência, desobediência, bem como forçam a existência de amigos (identidade, companheirismo, partidarismo) e inimigos, não pode ser restrita apenas ao estudo das instituições.

Pelo lado dos partidos políticos a situação não é melhor, ao contrário, pois a política ainda goza de um prestígio maior do que o dos partidos políticos. Na verdade, os partidos políticos são vistos como o elemento negativo do próprio poder político, ou seja, acabam recebendo toda a carga negativa lançada para a política. E os partidos políticos parecem não se importar com essa pecha, pois eles mesmos contribuem significativamente para esse padrão cultural. As pesquisas feitas com os partidos políticos ou com o sistema eleitoral e governamental¹ revelam que esses sistemas (eleitoral e governamental) funcionam a despeito de uma maior simpatia e adesão popular. De certa forma, os funcionamentos atuais dos sistemas eleitoral, partidário e governamental têm demonstrado que o apoio mais massivo e popular nem é desejado. Nesse sentido, os partidos políticos reforçam a visão negativa sobre eles e sobre a política.

¹ Pesquisas como as apresentadas por Limongi (2010) para o caso do sistema governamental “presidencialismo de coalizão” e por Nicolau (2010) para os sistemas partidário e eleitoral.

O que está em curso é uma nova forma de ação política que talvez não seja mais controlada pelos partidos políticos. Com padrão dessa forma pode-se apontar as novas tecnologias da informação e comunicação, especialmente de ferramentas com as redes sociais e os contatos *on line* entre os jovens, sem mais as mediações de instituições políticas tradicionais.

OS JOVENS E OS PARTIDOS NO SÉCULO XXI

No início do século XXI já havia uma forte tendência entre jovens de apatia e desilusão com a política e com os partidos políticos. Num levantamento feito em Caxias do Sul em 2002, pode-se constatar como já estava presente uma pré-disposição crítica em relação aos partidos políticos e participação política. Na Tabela 1, que traz dados sobre o levantamento de 2002, aparecem as respostas dos jovens para quatro perguntas que procuravam verificar qual pré-disposição havia neles para com os partidos políticos e participação política. A pré-disposição em questão também poderia ser chamada de atitude política. A atitude política é a dimensão pré-comportamental em relação às ações voltadas para a política, tanto para a sua versão tradicional quanto nova (das relações de poder).

Os resultados presentes na Tabela 1 são críticos para os partidos políticos, pois 45% dos entrevistados tiveram algum grau de concordância com a extinção dos partidos políticos. Para outra questão, 66% dos entrevistados tiveram algum grau de discordância com a filiação em partidos, o que também representa um resultado negativo para essas instituições. E 71% dos entrevistados não gostariam de ser candidatos. Para completar, 40% dos jovens entrevistados concordaram com a afirmação da *não participação política*.

A Tabela 1 revela o que já existe como senso comum: os partidos políticos podem acabar, pois os problemas serão resolvidos por outros mecanismos. Na verdade, os partidos não são apontados como os piores problemas do país, das regiões ou cidades, mas eles são vistos como entes que atrapalham na resolução das dificuldades.

Tabela 1 – Visão sobre os partidos políticos - Caxias do Sul, 2002.

	Concordo	Concordo	Discordo	Discordo
--	----------	----------	----------	----------

	Totalmente	Em Parte	Em Parte	Totalmente
Algumas pessoas acham importante estarem filiadas em partidos políticos, e você?	5%	29%	17%	49%
Algumas pessoas não gostam de participar politicamente, e você?	28%	33%	18%	22%
Algumas pessoas gostariam de serem candidatas, e você?	11%	18%	10%	61%
Concordância com a extinção dos partidos políticos	14%	31%	25%	30%

Fonte: "Universo Político da Juventude".

Na verdade, mais do que uma simples apatia, o que se pode verificar é sentimento de descontentamento com os partidos políticos, pois quase a metade deles concordava com a sua extinção. Além disso, apenas 40% dos entrevistados concordavam em participar politicamente, ainda que isso não precisasse ser, necessariamente, via os partidos políticos. Ou seja, mais uma vez os partidos políticos e a política apareceram como algo estranho aos jovens, como se fossem questões para outras pessoas. Porém, não se pode deixar de comentar que a política em questão é no sentido do poder político, bem como os partidos políticos acabam sendo vistos como uma das principais organizações do poder político.

Nesse sentido, sempre que a política estiver associada ao poder político ela sofrerá de descrédito e apatia, especialmente pela tradição e histórico de como o poder político relacionou-se à maioria da população no Brasil: como autoritarismo, exclusão, manipulação. Por causa disso, a política e os partidos têm muitas dificuldades de serem aceitos pela juventude e pela maioria da população. E isso pode ser constatado, também, pelas pesquisas em nível nacional realizadas depois de 2002.

As pesquisas nacionais podem ser divididas em dois grupos. O primeiro grupo revela informações sobre as pesquisas feitas somente com a população jovem, (2003 e 2008), sendo que os temas tratados abrangem: o interesse dos jovens pela política, a intensidade e o tipo de sua participação política em geral e nos partidos políticos em particular. O outro grupo de pesquisas contém levantamentos com a população em geral - a partir dos 16 anos (mas os dados podem ser circunscritos aos jovens entre 16 e 24 anos) -, sendo que os assuntos versados foram: as preferências partidárias e os posicionamentos ideológicos, dentre outros.

Porém, ainda que os dois grupos de pesquisas tragam certas informações diferentes, os resultados gerais apontam no mesmo caminho: a política tradicional é vista como algo estranho para o jovem, como um assunto que só interessa aos adultos (ou para a sociedade em geral), e que a participação nos partidos políticos não é algo nem realizado nem desejado pela grande maioria. E esse resultado surge com mais nitidez quando a política é separada dos outros itens como a saúde, a educação, a segurança, o emprego, a violência, etc. Ou seja, os jovens, quando eles se defrontam com a política configurada num item específico, não demonstram nem muito interesse nem muita reprovação. A política, o Estado, o Governo, os partidos políticos, ou seja, os processos do poder político, quando separados dos outros temas e em confronto com eles, não são itens que despertam maior interesse e preocupação para os jovens.

Sobre o interesse dos jovens por política, na pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo, a política-governo (expressão do poder político) somente apareceu como um dos três itens mais importantes para 7% dos entrevistados (cada um poderia escolher até três itens). Nessa questão, tiveram respostas acima da média de 7%: os entrevistados com renda média familiar de mais de 10 salários mínimos, os entrevistados com escolaridade superior e os entrevistados do sexo masculinos com idade entre 21 e 24 anos. Ou seja, homens com mais renda e mais escolaridade. Do outro lado, os menos interessados na política-governo foram os entrevistados que responderam receber até 1 salário mínimo de renda média mensal e com escolaridade primária: ou seja, os com menos renda e escolaridade. Nesse sentido, pode-se dizer que o interesse pela política é baixo para o conjunto dos jovens, e os mais interessados são os homens com mais renda e escolaridade, o que não deixa de ser um perfil elitizado.

Por outro lado, quando a questão volta-se para as maiores preocupações, a política também é deixada de lado, o que poderia ser visto como positivo. As maiores preocupações foram com a segurança-violência e com o trabalho-emprego (os dois itens citados por mais da metade dos jovens). E a administração política foi lembrada por apenas 3%. Mas, a questão negativa com a política permanece, pois a política quando separada não representa nem interesse nem preocupação. Porém, os assuntos como o emprego, o trabalho, a violência, a segurança são, na verdade, assuntos políticos, tanto do poder político quanto do político como relação de amigo-inimigo. A dificuldade dos jovens não é de reconhecer a importância desses assuntos, mas de relacioná-los à política.

Outro aspecto negativo, a política para os jovens é vista como assunto para os adultos e não para eles mesmos. Entre os próprios jovens, a política foi o item menos citado (14%) como tema que eles têm em conversas com outros jovens. Até com os pais, também a política figurou entre os três piores (17%). A política começa a ser um assunto mais interessante se o âmbito da discussão for a sociedade. Para a “sociedade”, ou levando-se ela em consideração, os jovens entrevistados até admitiram que a política devesse ser debatida. Isso foi resposta para 41% dos jovens (quarto item mais citado).

Sobre a participação política, a pesquisa de 2003 da Fundação Perseu Abramo constatou que apenas 15% dos jovens entrevistados participavam de alguma atividade em movimentos sociais. O item mais citado é dos grupos de igreja. Os partidos políticos apareceram para apenas 1% dos entrevistados, sendo que somente 3% deles já haviam participado de uma atividade em partido político. De todos os jovens entrevistados ainda houve um grupo de 12% que responderam terem nunca participado, mas que até gostariam de fazê-lo no futuro. Porém, a grande maioria (84%) respondeu que não tinha interesse em participar. Dessa forma, em 2003 são encontrados dados nacionais semelhantes aos dados encontrados em 2002 em Caxias do Sul. Dados que apontavam para o descrédito com a política e com os partidos políticos.

Na pesquisa nacional do Datafolha de 2008, como os jovens foram confrontados por uma visão mais ampla de participação, 55% deles responderam que já haviam participado de alguma atividade social ou política. Os três tipos mais citados por eles foram: em atividades ligadas a grupos de igreja (39%), em atividades ligadas aos movimentos comunitários (24%) e em atividades ligadas à proteção animal e da natureza (12%). Já os partidos políticos foram citados por apenas 7% dos jovens entrevistados. Esses resultados demonstram que os jovens brasileiros não são completamente apáticos, mas que eles não identificam como políticas as suas atividades, especialmente se elas não se enquadram no modelo tradicional de poder político.

Quanto ao interesse em participar de partidos políticos, apenas 5% dos entrevistados responderam que tinham **muito interesse** e 18% deles responderam que tinham **um pouco** (o muito interesse para atividades de proteção aos animais e natureza recebeu 40%, e para os movimentos comunitários de caridade, 31%). O interesse dos jovens reflete a sua visão negativa com a política tradicional, mas eles não têm uma visão negativa para qualquer tipo de participação em movimentos sociais. Ainda que não sejam valores majoritários, mas os

percentuais para a participação em movimentos com o os de proteção aos animais e natureza e em movimentos de caridade-comunitários são bem expressivos se comparados aos destinados às instituições e movimentos sociais da política tradicional.

Na verdade, a visão sobre a política e os partidos políticos não mudou ao longo dos anos 2000, mesmo que na pesquisa do Datafolha de 2008, praticamente a metade (47%) dos entrevistados jovens respondeu que acompanhava o noticiário sobre política. O que aconteceu ao longo da década foi um direcionamento cada vez maior para os movimentos sociais não diretamente político. Outro fator importante, foi uma relativa mudança no quadro político institucional a partir da vitória de Lula para a Presidência do Brasil em 2002. Mesmo que a política tradicional seja amplamente criticada pelos jovens, eles não são imunes a certas mudanças no perfil dos principais políticos. O PT tem sido o partido com mais simpatia entre os jovens, o que leva a uma certa valorização da política. A questão principal é que até há uma parcela de jovens que participa ou que gostaria de participar, o problema para a política, é que eles não querem participar das atividades mais tradicionalmente rotuladas de políticas, como os partidos políticos, nem que as atividades de defesa do ambiente, dos animais, e dos pobres sejam vistas “políticas”.

A questão do posicionamento ideológico, os jovens brasileiros também tiveram que lidar com as formas tradicionais, com os conceitos de esquerda e direita. A pesquisa de 2010, na verdade, traz um estudo longitudinal de cinco levantamentos desde 1989 (2000, 2003 e 2006). No geral, com todos os entrevistados, como era de se esperar, os maiores percentuais estão no centro. E reforçando uma ideia tradicional, quanto mais jovem, mais a opção é pela esquerda.

Tabela 2 – Posicionamento ideológico e faixas etárias, 2010.

	16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou +
1 extrema esquerda	7%	8%	8%	7%	6%
2	6%	7%	4%	4%	2%
3	12%	9%	7%	7%	5%
4 centro	17%	18%	20%	17%	9%
5	13%	14%	13%	11%	12%
6	11%	9%	11%	11%	8%
7 extrema direita	10%	12%	14%	15%	19%
Nenhum, não sabe, não respondeu.	23%	23%	22%	28%	39%

Fonte: Datafolha, 2010.

Nos três pontos do centro (3, 4 e 5), entre os jovens (16 a 24 anos) o percentual foi de 42%. Os entrevistados que optaram pelos 4 pontos mais extremos somaram 35%: nos dois pontos da esquerda (13%), e nos dois pontos da direita (22%). Entre os entrevistados com 60 anos ou mais, os dois pontos extremos da esquerda tiveram 8%, e os dois pontos extremos da direita tiveram 27%. As diferenças não são tão significativas, mas apontam na direção de que os mais jovens tendem a simpatizar mais com a esquerda que os entrevistados com mais idade.

Já no posicionamento de preferência pelos partidos, a pesquisa de 2011 revela o seguinte:

Tabela 3 – Preferência partidária, 2011.

	16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou +
PT	22%	22%	23%	22%	18%
PMDB	4%	5%	6%	5%	5%
PSDB	5%	4%	5%	3%	5%
Outros	4%	4%	6%	8%	8%
Pessoas	2%	1%	3%	3%	2%
Nenhum	63%	64%	57%	59%	62%

Fonte: Datafolha, 2011.

Mais uma vez são apresentados dados sobre a fragilidade dos partidos políticos em atraírem a simpatia dos jovens e das pessoas em geral. Dos partidos que receberam as maiores preferências, o PT foi o mais citado, repetindo outros levantamentos, seguido pelo PMDB e PSDB. Na verdade, esses partidos são os maiores protagonistas da política partidária nacional, tendo as três maiores bancadas da Câmara Federal na legislatura de 2011 a 2014 (86, 80 e 53, respectivamente). Porém, o dado mais significativo é o percentual de jovens que não simpatiza com nenhum partido (63%).

CONCLUSÕES

Os jovens não são totalmente descrentes e afastados da política e dos partidos políticos. Porém, eles não reconhecem que muitas das suas atividades rotineiras sejam políticas, não no sentido tradicional, mas dentro de um significado de relação de poder.

Os jovens também estão cada vez mais envolvidos com questões sociais, como o emprego, a violência, a saúde, a miséria, a educação, etc., que demandam deles atuação e preocupação. A questão central para os partidos políticos é trazer esses temas para dentro deles, no sentido de que sejam apresentadas reais propostas e encaminhamentos de soluções.

Os jovens não simpatizam com os partidos políticos porque identificam neles os culpados pelos séculos de miséria, exclusão social, desmandos e corrupção na esfera pública, bem como pelos processos de manipulação e enganação presentes na esfera pública midiática. Por isso, muitos deles pensa em solucionar por conta própria os problemas mais graves, e não através dos partidos e da ação coletiva no âmbito da política.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LIMONGI, Fernando. Estudos legislativos. In: MARTINS, Carlos Benedito (orgs.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil: ciência política*. São Paulo: ANPOCS, 2010.

LUCAS, João Ignacio Pires. Orçamento participativo, capital social e antipolítica: um estudo de caso em Caxias do Sul. In: BAQUERO, Marcello (org.) *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.

MOUFFE, Chantal. *En torno a lo político*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

NICOLAU, Jairo. Partidos e sistemas partidários: 1985-2009. In: MARTINS, Carlos Benedito (orgs.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil: ciência política*. São Paulo: ANPOCS, 2010.

SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

SPOSITO, Marília Pontes; BRENNER, Ana Karina; MORAES, Fábio Franco de. Estudos sobre jovens na interface com a política. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *O Estado da arte da juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

ZANETI, Hermes. *Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil*. Brasília: UNB, 2001.